

AS RAÍZES DO JAZZ E A ORIGINAL DIXIELAND JAZZ BAND

MARIA CRISTINA AGUIAR*

CLÁUDIA CRISTINA MARQUES VASCONCELOS BORGES**

Quando se fala nas origens do Jazz o cenário que se depara é obscuro e um pouco incerto. Sabe-se que os elementos que influenciaram o seu nascimento foram trazidos da África pelos escravos, que intervieram de forma significativa ao nível cultural, vindo a criar um novo modo de comunicação e expressão de sentimentos.

A forma mais importante de expressão da música Afro-Americana são as manifestações religiosas, na maioria das vezes ouvidas por plateias brancas (de uma forma mais afectada do que a ouvida nas igrejas negras rurais). O que hoje é conhecido como música gospel é reflexo da importante carga emocional e força rítmica dessas manifestações primordiais. Dessa época são as músicas de trabalho e músicas infantis.

A música negra na América manteve muito do original Africano no que diz respeito às suas características rítmicas e também na tradição de colectividade e improvisação. Esta herança misturou-se com a música local, gerando muito mais que um novo estilo, uma nova forma de expressão musical, que ganha um peso cultural ainda maior quando lembramos que a actividade musical era proibida entre os escravos.

Com a libertação dos escravos, a música Afro-Americana cresceu rapidamente. A disponibilidade de instrumentos musicais, incluindo refugos de bandas militares, e a liberdade recém-conquistada, permitiu o nascimento das raízes básicas do jazz: as bandas de metais, a dança e o blues.

Na década de 1910, a Original Dixieland Jazz Band constitui um marco importante na afirmação do Jazz, realizando concertos, digressões e gravações musicais.

“The first great jazz orchestra was formed in New Orleans by a cornet player named Dominick James La Rocca. They were the hottest five pieces that had ever been known before. They all came to be famous players and the Dixieland Band has gone down now in musical history.”

Louis Armstrong, 1936. *Swing That Music*

* Docente na Escola Superior de Educação e no Conservatório Regional de Música Dr José Azeredo Perdigão, em Viseu.

** Professora de Formação Musical na Academia de Música de Vilar de Paraíso.

A HISTÓRIA DO JAZZ COMEÇA LIGADA AO COMÉRCIO DE ESCRAVOS

Nos Estados Unidos do final do século XVIII, havia uma grande diferença entre as regiões do Norte e do Sul. As indústrias, o comércio e as propriedades agrícolas de pequeno porte situavam-se no Norte, ao passo que no Sul se encontrava o latifúndio, a monocultura e a utilização da mão-de-obra escrava de origem africana. A sociedade sulista americana possuía dois estratos sociais: a aristocracia agrária, com todo o seu poder, e os escravos. Os negros chegados à América, donos de uma antiga carga musical: trabalhavam nas plantações de fumo e algodão e eram tratados da pior forma possível.

Os escravos sequestrados ao continente africano, totalizaram, aproximadamente, doze milhões de vidas, das quais um milhão e meio sucumbiu durante as viagens! O Brasil recebeu aproximadamente quatro milhões de escravos, para os trabalhos da lavoura e da mineração. O restante contingente de escravos sobreviventes, seis milhões e meio de pessoas, foi absorvido pelos outros países da América.

Nos Estados Unidos, assim como em quase todos os outros lugares, os escravos não tiveram grande sorte. O negro africano trouxe consigo, além da dor e da tristeza do desterro, os seus pertences pessoais, as suas plantas medicinais, os instrumentos musicais e uma milenar e intuitiva cultura. Os seus donos, os colonos americanos, proibiam-nos de usar os seus tambores e outros instrumentos musicais, com receio de que os mesmos pudessem servir de estímulo a revoltas e eventuais sublevações. Proibiam-nos até de usar a sua linguagem e os dialectos nativos, procurando, com estas repressões, quebrar a unidade de corporação do grupo.

A entrada dos negros na nação americana resultou numa **imigração**, em que o elemento imigrado é obrigado a aceitar os costumes do país que o recebe. Contrariamente, e em relação à cultura musical, houve, por parte dos negros, uma verdadeira **migração**, uma vez que os migrantes impuseram e transformaram os parâmetros da cultura existente nesse país. Desta maneira, enquanto trabalhavam nas plantações ou na construção dos caminhos de ferro, os escravos criavam as suas canções e, mesmo sem os seus instrumentos musicais, libertavam os seus sentimentos através de ritmadas melodias cantadas: um deles puxava um canto, como mote, e os demais respondiam, repetiam, ou improvisavam.

Esta prática evoluiu e difundiu-se, passando a fazer parte dos momentos de lazer, junto às sedes das fazendas, muitas vezes com a presença dos patrões. Nestes cantos, calcados em tradições de raízes africanas, em que os escravos manifestavam os

seus lamentos e saudades bem como os acontecimentos do dia a dia, encontramos elementos que poderão relacionar-se com a forma a que posteriormente se veio a designar **Blues**.

Ainda que rudimentares, e provenientes das regiões do Sul dos E.U.A., estas manifestações musicais, assumiram uma importância bastante relevante na criação do Jazz.

Uma das formas musicais que também remonta a estes tempos é a música **Gospel (Gospel Music)**. Os Pastores Evangélicos aproveitaram os escravos para trabalhar na cristianização deste povo, trabalho que veio a revelar-se um sucesso! Ao aceitar a doutrina Cristã, os escravos inovaram e acrescentaram às melodias religiosas características harmónicas e rítmicas, com o sabor da música negra. Este novo modo de louvor ao Senhor logo foi aceite e adoptado por todos. E mais uma vez surgem novos e importantes elementos que vieram, mais tarde, a ser recebidos pelo Jazz.

As duas outras formas de música negra que contribuíram também na formação do Jazz foram o **Ragtime** e o **Spiritual**.

O Ragtime teve origem numa dança conhecida como **Cake-Walk** ou **Regging**, a qual procurava imitar danças de origem europeia. Esta modalidade musical, sempre acompanhada pelo banjo, formou-se originalmente no oeste norte-americano e assemelhava-se a uma marcha sincopada, mantendo os dezasseis compassos tradicionais da marcha. Evoluiu, posteriormente, com a adição do piano, resultando numa música muito agradável, de excelente estrutura e muito bem aceite. O piano executava, na mão direita, o dedilhado do banjo e incorporava na mão esquerda, com exactidão, a marcação grave da tuba, tornando, assim, o Ragtime uma música com características pianísticas sem recorrer à improvisação instrumental. Foi o pianista Scott Joplin quem somou ao Ragtime novas características, consolidando-o através de inúmeras e bem elaboradas composições.

Já o Spiritual, seguindo um carácter vocal, e também com as características da música negra, surgia no século XIX. Destinava-se a exaltar motivações religiosas ou folclóricas. As melodias eram passadas através da tradição oral.

O Blues, o Ragtime, a música Gospel e o Spiritual criaram uma estrutura musical definida e com sólida conformação artística e popular, tornando-a plenamente viável: o **Jazz**.

O jazz contém sete elementos que conduziram ao seu próprio desenvolvimento, bem como ao do blues. São eles:

- Pergunta/resposta (o leader canta a frase e soa como um eco pelo resto do grupo)
- Repetição do refrão (semelhante ao refrão ou chorus dos hinos das igrejas)

- Chorus Format (improvisar sobre uma forma completa)
- Tradição harmónica de algumas tribos (inclui progressões da tónica, sobre-dominante, e dominante (I-IV-V), que são compatíveis com as progressões harmónicas da tradição Europeia)
- Spirituals e Hollers Campos (conteúdo e comunicação emocional)
- Ring Shout (recriação de uma dança)
- Riff (uma pequena frase melódica que é repetida com diferentes acordes numa progressão harmónica)

O PAPEL DE NEW ORLEANS

New Orleans é a maior cidade do estado de Louisiana, e o grande porto de ligação entre o Rio Mississippi e o Golfo do México e centro industrial e de distribuição. Nesta cidade coabitavam brancos, afro-americanos, nativos americanos, asiáticos, islandeses do Pacífico, entre outros.

Um passeio pelas ruas de New Orleans era certamente recheado de sons de blues, spirituals, shouts, ritmos africanos, ópera, marchas prussianas, canções napolitanas, folk songs, ritmos caribenhos e ragtime.

Era no bairro boémio de Storyville, onde a prostituição esteve legalizada de 1897 a 1917, nos pequenos bares chamados de honk tonks, que todos esses elementos se cruzavam e em que o jazz era ouvido abertamente, bem como na Congo Square, praça onde os escravos se dirigiam para dançar e cantar. Este estilo ficou conhecido como *Traditional Jazz* ou *New Orleans Jazz*.

New Orleans teve um papel importante no nascimento e expansão do jazz, sendo o palco para a melhor produção jazzística (em qualidade e quantidade) entre 1895 e 1917. Porém, não se pode esquecer a participação de outras cidades do Sul: St Louis, Memphis, Atlanta, Baltimore, entre outras. O que era indiscutivelmente único em New Orleans, naquela época, era a atmosfera social, muito aberta e livre. Pessoas de diferentes grupos étnicos podiam conviver e comunicar com grande facilidade, o que veio a desembocar no nascimento de uma nova e rica cultura musical, contendo elementos franceses, alemães, espanhóis, irlandeses e africanos (não é por isso de espantar que esta grande e animada cidade tenha sido o berço do Jazz).

Na verdade, o jazz era ouvido, inicialmente, nos eventos sociais: bailes, piqueniques, inaugurações, aniversários, casamentos e em desfiles fúnebres (nestes, a banda saía da igreja tocando marchas fúnebres até o cemitério, e na volta ia acelerando o ritmo e entoando temas alegres). Os músicos destas bandas de jazz eram

maioritariamente artesãos (carpinteiros, pedreiros, alfaiates...) que faziam música nos feriados e fins de semana para aumentar o rendimento familiar.

Se em algumas cidades os escravos eram maltratados, em New Orleans, no Estado de Louisiana, colonizada predominantemente por Franceses e Espanhóis, estes eram tratados com um pouco mais de brandura, ou com menos rigor. Aqui não foram confiscados os instrumentos musicais e os escravos podiam exercitar as suas práticas artísticas de uma forma mais livre.

Naquele tempo, surgiam gloriosas formações musicais de bandas e, New Orleans orgulhava-se de possuir excelentes grupos. Nos desfiles e solenidades, bandas formadas por elementos de raça branca (genuínos europeus ou crioulos), de raça negra e ou mesmo ambas as raças, apresentavam-se brilhantemente.

OS MÚSICOS E AS BANDAS DE NEW ORLEANS

O primeiro músico famoso de New Orleans foi Buddy Bolden (1877-1931), um barbeiro que tocava corneta e que fundou a sua banda no final da década de 1890. Tudo indica que tenha sido ele o primeiro a misturar o blues básico com a música de banda mais tradicional, passo significativo para a evolução do jazz. Rumores de que havia feito gravações nunca foram comprovados e o que se sabe da sua música deve-se às interpretações das suas peças por outros músicos.

Por volta do início da década de 1910, a formação básica das bandas de jazz era: corneta (ou trompete), trombone, clarinete, guitarra, baixo e bateria (os pianos eram raros, dada a dificuldade do transporte). O banjo e a tuba só foram adoptados posteriormente com o início das gravações, pois as técnicas de então não permitiam captar o som da guitarra e do baixo. A corneta fazia o solo, enquanto o trombone complementava a harmonia do baixo fazendo "sliding", e o clarinete preenchia o espaço entre estes instrumentos.

A banda que difundiu o nome "jazz" também era de New Orleans e chamava-se "Original Dixieland Jass Band". O conjunto foi um enorme sucesso em Nova Iorque entre 1917 e 1918, e foi a primeira banda de jazz a realizar gravações.

Por volta de 1917, muitos músicos, negros e brancos, haviam deixado New Orleans (e outras cidades do Sul) rumando a norte dos Estados Unidos, por razões meramente económicas: a Primeira Guerra Mundial causou um "boom" industrial no Norte, o que atraiu enormes massas populacionais, incluindo os jazzmen que ansiavam por melhores condições de emprego. Todas as bandas - brancas, negras, mestiças - tocavam, praticamente, o mesmo tipo de música em moda na época, constituída por

marchas e cantigas locais, porém cada uma incorporava o seu estilo próprio e característico. Com o passar dos tempos, as bandas evoluíram tecnicamente, acrescentando novos instrumentos musicais.

Desta época em diante, definiram-se naturalmente alguns parâmetros, que determinaram a conjuntura destes agrupamentos. O trompete assumiu o papel de liderar o tom da banda, seguido do clarinete que efectuava ornamentos de contraponto; por sua vez, o trombone assumia a missão de intermediar o baixo. Todos acompanhavam a secção rítmica, composta pela tuba, que indicava o tom e marcava o ritmo com toques firmes e fixos; pelo bombo, caixas e pratos (posteriormente substituídos pela bateria), que desenvolviam o desenho rítmico da música; e pelo banjo, acompanhando o ritmo da tuba num registo mais agudo. O piano, quando foi acrescentado, foi muito bem aceite, actuando na marcação rítmica e fazendo insinuações melódicas.

Assim se definiu um padrão que viria a alcançar um enorme sucesso!

Em 1916, actuava com enorme sucesso a Original Dixieland Jass Band (ODJB), fazendo digressões e até gravando o seu primeiro disco. Os seus admiradores, que antes a reconheciam pelo apelido de Dixieland, por uma questão de maior facilidade, passaram a utilizar o termo *Jass* em vez de *Jazz*. Segundo alguns estudiosos, vem daí a denominação desta nova música.

O primeiro a utilizar o nome "jazz" para a música que fazia foi o trombonista Tom Brown, líder de uma banda de New Orleans. A origem da palavra é obscura, e o seu significado original foi (e ainda é) motivo de muita discussão.

A música de Dixieland é um estilo de Jazz que nasceu, no século XX, em New Orleans, e que rapidamente se espalhou até Chicago e Nova Iorque pelas New Orleans Bands ao longo da década de 1910.

Este tipo de música é considerado muitas vezes como o verdadeiro tipo de jazz e é a primeira música que se refere ao termo jazz (antes de 1917 o termo utilizado era Jass). Como já foi dito este estilo combinava o Ragtime e os Blues com a improvisação colectiva. Os Combos da Dixieland incluíam uma secção rítmica, baixo, trombone, trompete e clarinete. O som definitivo da Dixieland é criado pela improvisação simultânea do trompete, do trombone e do clarinete, e tem sido continuamente tocado desde o início do século XX. Enquanto muitos grupos Dixieland imitam conscientemente as gravações destas bandas, outros continuam a inovar nas suas performances e a criar novas melodias.

Muitos dos fãs do Bebop consideram que a Dixieland já não é uma parte vital do Jazz, outros porém consideram que se esta música for bem tocada, e de forma criativa, acaba por se tornar um pouco mais "moderna" que os outros estilos de Jazz

Embora o termo Dixieland seja largamente usado continua a ser um termo que gera alguma polémica. Enquanto uns defendem que deve referir-se às bandas da costa Oeste Americana, outros adequam-no especialmente aos músicos de New Orleans e à música das bandas Afro-Americanas dos anos 20, havendo ainda quem defenda que deve ser utilizada a terminologia “Classic Jazz” ou “Traditional Jazz”. Alguns destes últimos consideram o termo “Dixieland” depreciativo, relacionando-o com música tocada sem paixão e sem profunda compreensão musical. Alguns dos mais tradicionalistas defendem que o estilo deve ser intitulado simplesmente de “Jazz”, uma vez que este é o verdadeiro jazz e que os outros estilos utilizam erradamente este mesmo termo.

A Dixieland tem um “Happy Sound” (contrariamente à monótona música pop da altura), e continua a ser a primeira abordagem ao jazz para muitas pessoas. Bix Beiderbecke foi uma das suas figuras legendárias.

ORIGENS DA ODJB

Não eram só os negros que faziam Jazz em New Orleans. Um grupo de músicos brancos começou a tocar um som melhor acabado do que os negros mas menos expressivo. Era a técnica branca contra a alma negra. A Original Dixieland Jazz Band (ODJB) foi uma das pioneiras desse novo estilo feito pelos brancos de New Orleans, utilizando a improvisação colectiva sem exageros nos solos. Em 1917 faz sucesso em New York e acaba dando o nome de Jazz à música que surgiu no Sul dos Estados Unidos (Jass foi substituído por Jazz).

No início do ano 1916, um promotor de Chicago chamou o clarinetista *Alcide Nunez* e o percussionista *Johnny Stein* com intenção de levar o estilo de New Orleans a Chicago, onde uma banda similar, dirigida pelo trombonista *Tom Brown*, estava a alcançar enorme sucesso. Aos dois primeiros juntaram-se o trombonista *Eddie Edwards*, o pianista *Henry Rags* e o cornetista *Frank Christian*; antes de partirem foi contratado, à última hora, *Nick de La Rocca*. Em Março desse ano os músicos começaram o seu trabalho no Schiller’s café em Chicago com o nome Stein’s Dixie Jass Band.

A banda era um sucesso e era bem paga. Só que como o único músico com contrato era Johnny Stein os outros desistiram, foram para New Orleans à procura de um baterista. *Tony Sbarbaro* junta-se ao grupo e a 5 de Junho começaram a tocar com o nome de “The Dixie Jass Band”.

La Rocca e Nunes tinham alguns conflitos e em Outubro desse ano decidiram trocar de clarinetista, trazendo *Larry Shields* para a Original Dixieland Jass Band. A

banda atraiu a atenção de *Al Jolson*, que os recomendou na cidade de New York. No início de 1917 a banda começou a tocar para dançar no *Reisenweber's Café* em Manhattan.

Enquanto muitas outras bandas de New Orleans passaram pela cidade de New York, a ODJB foi a primeira a ter lá fãs, e a ter a oportunidade de gravar, numa altura em que a indústria da gravação estava centrada em New York e New Jersey.

O ano de 1917 foi muito importante para o Jazz porque, a 26 de Fevereiro, a *Original Dixieland Jass Band* de *Dominick La Rocca* se instalou nos estúdios da *Victor*, em New York, onde gravou o primeiro disco de Jazz, intitulado “*Livery Stable Blues*”. Este vendeu cerca de um milhão de exemplares, batendo todos os recordes de vendas da época.

Foi também em 1917 que a marinha dos Estados Unidos encerrou o “bairro da luz vermelha” (*Storyville*), no distrito de New Orleans, o que causou a imigração dos sons tradicionais do Jazz para outros pontos do país. O nome 1917 foi escolhido para a orquestra por ser um ano com muito significado para o Jazz.

Em 1917 as audiências fervilhavam com gente de todas as idades porque era uma música com um ritmo vivo. A 1917 - *Dixieland Jazz Band* tornou-se num estilo. O slogan para chamar as pessoas era: **“Come on along and hear (...) you can sit back, kick off your shoes, tap your feet, and enjoy some New Orleans Jazz”**.¹

O estilo musical desta banda era característico pelo uso de wood blocks, cowbells, gongs, e chinese gourds, mas a sua música tinha um forte carácter de liberdade. Esses sons de capoeira eram também experiências na forma de alterar as qualidades tonais dos instrumentos, e o ruído de blocos de madeira era explorado no sentido de quebrar o ritmo. Muitas das primeiras músicas gravadas pela ODJB, tais como “*Tiger Rag*” (1917), “*Figety Feet*”, “*Clarinet Marmalade*”, “*At the Jazz Band Ball*”(1919), permanecem como clássicos no repertório da *Dixieland* e das bandas de Jazz tradicionais de hoje.

Comparado com o Jazz tardio, as gravações da ODJB tinham apenas alguns momentos modestos de improvisação. O clarinetista *Larry Shields* é talvez o instrumentista mais interessante, que tocava de forma fluída. As suas variações melódicas e os breaks usados foram largamente imitados por músicos que seguiram os passos da ODJB. Os arranjos da ODJB eram selvagens e grosseiros e definitivamente tinham um feel de Jazz. Ainda hoje chamam a esse tipo de música: *Dixieland*.

¹ Tradução: “Venha e ouça. Pode ficar sentado, dar pontapés com os sapatos, bater os pés e deliciar-se com o jazz de New Orleans.

IMPROVISAÇÃO

A improvisação faz parte de todos os estilos de Jazz, quer pela sua espontaneidade, quer pela sua surpresa, experiência e descoberta. Quando o músico de Jazz está a improvisar ele não o está a fazer ao acaso, pelo contrário ele está a pensar no que está a improvisar. A improvisação é espontânea, no entanto, o músico pode ter aprendido a improvisar com algum músico em particular ou ouvindo alguém improvisar.

Segundo Dan Morgenstern na banda de King Oliver, Armstrong e Oliver formavam uma equipa admirável assombrosamente harmonizada e sincronizada. Na sua opinião, apesar de aparentarem ser totalmente espontâneos, os breaks eram, efectivamente, trabalhados na mais habilidosa das formas: Oliver executava o que queria usar na sua parte do break, e Armstrong, numa velocidade incrível, memorizava a sua intervenção e criava a sua própria parte, que encaixava de forma perfeita.”

Louis Armstrong teve dois grupos o Hot Five e o Hot Seven. Estes são produto da década de 1920 e só actuaram em estúdio (apenas realizaram um concerto com carácter de beneficência). Armstrong sabia que uma gravação era importante, pois ficava guardado aquele instante, que, em termos de improvisação, é sempre único e irrepetível.

ALGUNS MÚSICOS DA ODJB

Os “fundadores” da ODJB, e intitulados, de forma controversa, como “Criadores do Jazz”, foram “Nick” La Rocca, Larry Shields, Eddie Edwards, Henry Ragas e Tony Spargo (ou Tony Sbarbaro).

Dominic James “**Nick**” **La Rocca**, nasceu a 11 de Abril de 1889, em New Orleans e aí morreu a 22 de Fevereiro de 1961. Nick era um jovem trompetista e leader da ODJB. Ele próprio afirmava-se como “o criador do Jazz”, “The Christopher Columbus of Music” e “a maior mentira sobre uma pessoa desde Jesus Cristo”. LaRocca descendia de uma família imigrante italo-americana. Enquanto jovem sentiu-se atraído pela música das bandas de New Orleans e aprendeu sozinho a tocar trompete contra a vontade do pai que desejava que o filho tivesse uma profissão de maior prestígio. Durante algum tempo trabalhou como electricista e em paralelo tocava música.

De 1910 a 1916 foi membro regular da banda Papa Jack Laine's; enquanto não era considerado como um grande virtuoso era admirado por conseguir tocar em longas paradas sem parar no mesmo dia. Em 1916 foi escolhido à última hora para substituir Frank Christian na Johnny Stein's Band para tocar em Chicago. Esta banda tornou-se a famosa Original Dixieland Jass Band, fazendo a sua aparição comercial na gravação de 1917. Estas tornaram-se "hits" e a banda passou a ser uma celebridade.

Em 1936 ele reuniu a ODJB para mais gravações de sucesso e considerava que ele e a banda eram os inventores do então tão popular Swing. Nos anos 50 começa a escrever artigos para jornais, revistas, rádio onde afirma ser o inventor da música jazz, e dizia que aqueles que afirmavam que a música tinha origens nos negros faziam parte de uma conspiração comunista.

Em 1958 La Rocca oferece o seu espólio ao Archive of New Orleans, nessa mesma altura escreve com H.O. Brunn um livro "*The Story of the Original Dixieland Jazz Band*".

Se os seus períodos de maior actividade foram entre 1900 e 1939 e entre 1940 e 1959. O seu estilo era o Early jazz, Swing e Big Band. Nick La Rocca deixou-nos a *Nick La Rocca's Dixieland Band*.

Larry Shields nasceu a 13 de Setembro de 1893 e faleceu em 1953. Tocava clarinete e tocou no estilo Early Jazz. Shields deu à ODJB um espírito hilariante. Não sendo um grande improvisador, o seu som extrovertido e cauteloso simbolizava os ouvintes dos anos 20. Shields começou a estudar clarinete com 14 anos e ocasionalmente conheceu La Rocca no ano seguinte. Saiu de New Orleans em 1915 para se juntar à Bert Kelly's Band de Chicago. Depois de regressar a New Orleans vai para Chicago em 1916 para medir forças com La Rocca na ODJB. A sua gravação de "Livery Stable Blues" no ano seguinte fez com que Shields permanecesse na banda até 1921 onde teve alguns desentendimentos com o grupo.

Eddie Edwards, nasceu a 22 de Maio de 1891 em New Orleans e aí morreu a 9 de Abril do ano 1963. O seu período de maior actividade foi entre 1940 e 1959 e tocava trombone. Foi um dos membros fundadores da ODJB e era um executante com muito ritmo e força nesse grupo de sucesso. Começou por tocar violino e aos 15 anos mudou para trombone. Tocava nas bandas de New Orleans entre as quais na Stein's Dixie Jass Band. Ajudou a fundar a ODJB e compôs várias melodias que se tornaram standards. Entre as quais "Tiger Rag" e "Fidgety Feet". Permaneceu na Banda até 1925, interrompendo apenas para cumprimento do serviço militar em 1918.

Henry Ragas, nasceu em 1891 e morreu a 18 de Fevereiro de 1919. Tendo o seu maior tempo de actividade entre 1900 e 1919, quando morreu com uma epidemia de gripe com a idade de 27 anos. Foi uma das mortes prematuras do Jazz e tornou-se

famoso por estar associado à ODJB. Com experiência de tocar piano a solo entre 1910 e 1913. Foi com a Johnny Stein's Band para Chicago, em 1916, mas abandonou o grupo para formar a ODJB.

Tony Spargo, nasceu a 27 de Junho de 1897 e morreu a 30 de Outubro de 1969, tocava bateria e kazoo. Spargo foi conhecido até aos anos 20 pelo seu nome verdadeiro Tony Sbarbaro e foi um dos músicos com uma carreira activa e significativa. Cresceu em New Orleans e tocava bateria com Frayle Brothers Band em 1911 e ainda com Ernest Giardana e Papa Jack Laine. Em 1915 toca com Merritt Brunies e Carl Randall. Deixa New Orleans em 1916 para se juntar à ODJB em Chicago. Spargo estará com a ODJB durante todos os anos, aparecendo na primeira gravação, tocou com a banda em Inglaterra e sobreviveu até ao final oficial do grupo em 1925.

Era o improvisador mais forte do grupo, era um executante “colorido” cuja invenção no uso de wooblock, cowbells e cymbals viria a influenciar músicos mais tarde. Spargo deixou o grupo em 1927 e trabalhou com Lacey Young's Orchestra (1927-28), e voltou à ODJB em 1936 aquando da sua reunião. Ele tocava Dixieland regularmente com Nick até 1939 e nos anos 50 com Phil Napoleon, Brad Gowans, Miff Mole, Tony Parenti, entre outros, gravando com Connee Boswell nos anos 50.

A ACTUAL ODJB LIDERADA POR JIMMY LA ROCCA FILHO DE NICK LA ROCCA

Ao fim de 10 anos de paragem, por motivos de saúde, em 1936 Nick La Rocca ouviu na rádio algumas das suas composições e decide voltar à sua Dixieland, para demonstrar às novas gerações que o swing era o “antigo Jazz em roupas modernas”. Encontra Larry Shields em New Orleans, também inactivo, e juntos seguem para Nova Iorque para se juntarem a Edwards, Robinson e Sbarbaro. Depois de três semanas de ensaios, assinam com a William Morris Agency um contrato de participação na emissão de rádio de Ed Winn, da NBC Red Network. Com “Tiger Rag”, de La Rocca, a banda consegue mais ouvintes do que todas as emissões anteriores.

A banda foi mais tarde convidada para várias emissões de rádio, tais como, por exemplo, a Benny Goodman Broadcast (que reconheceu a influência recebida, enquanto jovem, pela Original Dixieland Jazz Band), o “Tommy Dorsey's Radio Show”, a “Cavalcade of America”, etc. Em 1937 a banda participa numa *tournee* de um *vaudeville* de Ken Murray e no filme “March of Time”. No regresso a New Orleans, La Rocca e seus companheiros foram recebidos com grande simpatia, realizando um

concerto no St. Charles Theatre, o qual foi seguido de um grande banquete organizado pelo presidente do teatro.

Até 1938, as tournées decorreram com grande sucesso, mas após a última exibição, que aconteceu em ‘Casa Manana’ em Forth Worth, no Texas, La Rocca dissolve definitivamente a orquestra e regressa a New Orleans, deixando as actividades musicais.

Nick La Rocca casou em 15 de Março de 1938. Dos seis filhos que teve, apenas James Carl (1939), um excelente trompetista solo, continua hoje brilhantemente a carreira do pai, dirigindo a renovada formação da mítica ‘Original Dixieland Jazz Band’.

Assim, a ODJB está de volta cheia de swing e sob a direcção do filho do seu líder original, Jimmy La Rocca. Trompetista e vocalista, rodeou-se de um grupo de músicos de New Orleans, que vieram a actuar em concertos e festivais de Jazz pelo mundo fora. Jimmy e a ODJB têm-se dedicado ao aperfeiçoamento jazístico através de estudos, leituras e workshops. A ODJB brilha em todo o seu esplendor quando se encontra em palco e é fantástico observar tanta gente a bater o pé, a bater palmas, a sorrir e comentando como se sentem bem enquanto ouvem aquela música de New Orleans.

Durante a sua longa vida, a ODJB actuou para um sem número de instituições, abrilhantou eventos sociais e culturais e apresentou-se nos lugares mais conceituados de New Orleans.

TERÁ SIDO A ORIGINAL DIXIELAND JAZZ BAND A CRIAR O JAZZ?

Did the ODJB create the Jazz?

- ‘The music evolved and was not created. It was not something they sat down and thought out or planned like many bands or promoters do in today’ s pop music. My father stumbled into success with his very strong and inspirational style of playing and being at the right place at the right time with the right band.’

Did the ODJB secure the word Jazz as a musical definition term through their success with hit recordings?

- ‘Absolutely and undisputedly - yes.’

Does the ODJB receive national appreciation and credit for their contributions to Jazz?

- ‘Yes, but no where near the recognition and respect they deserve.’

Jimmy La Rocca, www.odjb.com

O Jazz tem uma evolução muito acelerada de década para década, apresentando inovações e mudanças no estilo. A Original Dixieland Jazz Band constitui um marco importante para a sua história, pois para além de ser a responsável pela “segurança” do termo Jazz, (foi a ODJB que definiu jazz como um termo), foi também pioneira em diferentes sectores, sendo a primeira banda a:

- efectuar uma gravação (em 1917, para Columbia e Victor);
- vender mais de 1,5 milhões de discos;
- viajar pela Europa em 1919;
- aparecer num filme (“The Good for Nothing”, em 1917, dirigido por Carlyle Blackwell e produzido por William Brady);
- tocar para os militares durante a primeira guerra mundial.

A situação dos E.U.A. na década de 1910 era caracterizada por uma onda de crescimento e optimismo. Em 1918, com o final da Primeira Guerra Mundial e a Europa extremamente fragilizada, o presidente americano declarava: "...dentro em breve avistaremos, com a ajuda de Deus, o dia em que a pobreza será banida do país".

Com a prosperidade o Jazz foi levado para todos os Estados Unidos. Os músicos do Sul começaram a rumar para Norte, nomeadamente em direcção a Chicago, cidade que tinha mais cabarés e bares nocturnos do que o Sul inteiro e que estava sob o domínio de gângsteres, grandes amigos e “financiadores” do Jazz (o mais conhecido deles foi Al Capone).

Se New Orleans viu o Jazz nascer, a Chicago dos anos 20 assistiu ao Jazz a alcançar a sua maturidade.